

EDITORIAL • NÚMERO 46

O número 46 de nossa revista demorou a sair, mas como de costume chega carregada de estudos muito selecionados e capazes de despertar a atenção para fecundos debates no campo das Ciências Sociais ajudando a sacudir o clima de mesmice e de marasmo existente. Apresentada em ordem alfabética, a edição está composta de seguinte forma:

1. ARTIGOS

Os editoriais em pauta

DAVYS SLEMAN DE NEGREIROS

Para compreender o processo político brasileiro torna-se cada vez mais imperioso estudar qual é o real papel exercido pela mídia na formação da opinião pública. O artigo em questão é uma importante contribuição a esse respeito, tanto pela metodologia que utiliza quanto pelas questões para as quais chama a atenção. O autor é mestre em Ciências Sociais pela Universidade de São Carlos (UFSCAR) e o texto que publicamos foi originalmente apresentado no 1º Seminário Regional da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC), realizado na Universidade do Pará (UFPA).

Tendo por referência a eleição presidencial de 1998 o autor faz uma análise de conteúdo assim como compara os editoriais dos jornais de maior circulação nacional, ou seja: A Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo. A pesquisa tem por *locus* os editoriais publicados pelos referidos jornais nos meses de julho, agosto e setembro, às terças, quintas e domingos, do citado ano. A hipótese que funciona como diretriz da pesquisa é a da *agenda setting* que tem como ponto de partida o seguinte sagaz comentário do cientista político Bernard Cohen: "A maior parte das vezes, a imprensa não tem êxito dizendo às pessoas como deve pensar. Mas tem sempre êxito dizendo aos seus leitores o que pensar".

Breves considerações sobre a questão do realismo em György Lukács

CARLOS HENRIQUE GILENO

As obras de Antônio Gramsci e Louis Althusser desde que na segunda metade da década de 60 começaram a chegar às livrarias brasileiras atraíram a atenção de estudiosos na medida em que muito contribuíam para a renovação do pensamento dialético. Não temos dúvida que as polêmicas travadas na ocasião

entre althusserianos e gramscinianos foram um dos fatores que levaram a que os estudos do húngaro György Lukács tivesse ficado injustamente, durante longo período de tempo, num certo limbo filosófico. O filósofo Jean-Paul Sartre que manteve polêmica com Lukács em torno do dilema marxismo X existencialismo, rendia homenagens ao pensador húngaro referindo-se seguidamente a ele como o mais completo crítico literário do século XX.

É este combativo György Lukács que marcou presença nas lutas do seu tempo – tanto práticas quanto teóricas – que o autor do presente artigo, doutor em Sociologia pela Universidade de Campinas (Unicamp), presta uma justa homenagem, ao estudá-lo e colocá-lo na ordem do dia.

O presente estudo de Carlos Gileno, professor do Departamento de Antropologia, Filosofia e Política da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade do Estado de São Paulo (Unesp – Campus de Araraquara), é uma erudita e notável contribuição a teoria literária de viés marxista e tem por vigas mestres da sua construção dois livros de Lukács: “Decadência ideológica” e “Narrar ou descrever”.

A direita e as estratégias de desenvolvimento econômico: a ditadura militar brasileira em foco

GISELE DOS REIS CRUZ

O ponto de partida da autora no presente estudo é que a retórica anticomunista foi o instrumento usado pelos golpistas de 1964 como recurso capaz de arregimentar apoio suficiente para garantir a chegada e manutenção no poder de um “regime autoritário” empresarial-militar que se contrapondo a ideologia nacionalista em alta no governo Goulart, implantou um modelo de desenvolvimento econômico centrado no capital internacional.

As reflexões da autora, que é doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ), tem por centro de investigação os propósitos e as contradições do referido modelo. Modelo de corte liberal, alavancado pelo capital externo e que apoiado na força das armas amordaçou o fecundo debate em curso antes do golpe entre estruturalistas e cepalinos em busca dos caminhos do desenvolvimento nacional e democrático em formações sociais situadas na periferia dos polos hegemônicos do capitalismo.

O píer da resistência: contracultura, tropicália e memória no Rio de Janeiro
GUSTAVO ALONSO

Este artigo de Gustavo Alonso, doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), gira em torno dos desdobramentos políticos e culturais que tendo o píer de Ipanema (RJ) por referência se seguiram ao regresso de Caetano Veloso ao Brasil. Regresso ocorrido em 1972, após quatro anos de exílio em função de perseguição e prisão que o consagrado cantor e compositor sofreu logo após a decretação do AI-5 pela ditadura empresarial-militar que se acastelara no Planalto em 1964.

O píer de Ipanema começou a ser construído em 1968 e foi desmontado em 1975. No início dos anos 70 – no auge dos anos de chumbo – o local tornou-se ponto de encontro de pessoas descontentes com os rumos que a política havia tomado. O píer foi na ocasião uma espécie de território livre em plena ditadura, centro carioca da contracultura, da *underground* e do tropicalismo. Entre os frequentadores do píer estavam conhecidos intelectuais, artistas e jornalistas e considerável quantidade de diferentes tipos de “desbundados”.

É nas condições dadas que, com base em pesquisa esmerada e observações pontuais, o autor examina as relações dos governos militares com a cultura, chamando a atenção para peculiaridades da ditadura no Brasil, como a existência de espaços de conciliação e tolerância. Tese ousada que vale a pena ler, refletir e discutir.

Diretas já: a estratégia da redemocratização de Henfil através das cartas da mãe
MÁRCIO MALTA

Wright Mills cunhou a expressão *imaginação sociológica* para definir a louvável presença da criatividade em trabalhos de cientistas sociais e Gaston Bachelard observou que “é o ponto de vista do sujeito que constrói o objeto”. Estes postulados elaborados por dois renomados metodólogos se combinam e caem como uma luva para definir o teor do texto que ora temos a satisfação de divulgar. A originalidade da pesquisa, cujo autor é doutor em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense, professor e cartunista consagrado, implica em estudar como ocorreu transição entre a ditadura empresarial-militar e a volta do país ao estado de direito valendo-se das “Cartas da mãe”, coluna publicada semanalmente entre 1981 e 1984 por Henfil na revista “Isto É”.

Ação social, Marketing ou reparação? Algumas reflexões acerca da responsabilidade social corporativa

PRISCILA RISCADO

Apesar do tema “responsabilidade social das empresas” ser uma das questões cruciais do nosso tempo, tem sido objeto de poucas investigações. Dizemos que a questão é crucial porque em decorrência da globalização capitalista posta em curso em fins do século XX houve substantiva diminuição do papel exercido pelo Estado como agente político e econômico, passando a empresa privada a ocupar largo espaço como ator social regulador das relações societárias e da organização social. O artigo que ora publicamos contribui para o preenchimento dessa lacuna na medida em que sua autora – doutora em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense – valendo-se de literatura pertinente, contextualiza, debate, aponta problemas e propõe caminhos para o equacionamento da questão.

2. ANEXO

Opinião e civilidade

LINCOLN DE ABREU PENNA

Logo após o falecimento de Oscar Niemayer, ocorrido em 5-12-2012, não apenas mundialmente aclamado como gênio da arquitetura, mas também reconhecido como homem de bem e que sempre defendeu suas convicções políticas com paixão e sinceridade, foi atacado de maneira inteiramente inescrupulosa por alguns veículos da mídia que historicamente mais parecem preocupados em manipular a opinião pública do que cumprir o papel que lhes cabe numa sociedade democrática, ou seja, o bem informar.

O autor do indignado desabafo “opinião e civilidade” que ora publicamos, desfrutou da amizade de Niemayer, é doutor em História pela Universidade de São Paulo, professor e pesquisador renomado, valendo-se da educação que tem, questiona a falta de educação do jornal *O Globo* ao usar “carta de leitor” como subterfúgio para atacar a memória do cidadão do mundo que há tão pouco perdemos.

Críticas, sugestões e colaborações, serão bem-vindas.

Aluizio Alves Filho e Leonardo Petronilha.